

O TRABALHO DA ABELHA

SOBRE O DESAFIO DA INCULTURAÇÃO

As palavras de moda são sempre perigosas. De tão usadas perdem seu sentido. "Inculturação" é uma dessas palavras, embora a moda já pareça estar passando... "Globalização" seria a nova consigna. O que não é globalizado parece provinciano, tacanho, folclórico. Inculturação e globalização aparentemente se opõem, como o particular e o universal. Paralelamente poderia esgrimir-se, do ponto de vista teológico, encarnação contra catolicidade.

A oposição é aparente, a não ser que se entenda "globalização" no sentido neoliberal como dominação de um grupo de países ou organizações multinacionais sobre outros países e pequenas e médias empresas. Globalização está assim ligada a poder. E o poder de dominação leva a esmagar o particular. A catolicidade não segue esta lógica. Nessa perspectiva se poderia mesmo perguntar se respeita suficientemente à catolicidade um projeto como "Evangelificação 2000", ou até se seria verdadeiramente católica a tendência à centralização eclesial.

Catolicidade é respeito ao outro, ao diferente. Composição harmônica dos diferentes enquanto diferentes. É sin-fonia, sim-patia: soar juntamente com os outros, sofrer juntamente com os outros. A sinfonia só é grandiosa, porque todos os instrumentos, tocando diferente conforme suas características específicas, executam uma mesma partitura. Os violinos permanecem violinos, o piano continua piano, o oboé soa como oboé, a flauta transversal não perde seu timbre característico, mas todos os instrumentos buscam a harmonia do conjunto. Entram no momento exato, compõem seu som com os sons alheios. A catolicidade é sinfônica.

A catolicidade é "simpática". Cada Igreja particular tem sua cruz própria, mas sofre com a cruz das outras Igrejas. E as que são perseguidas por

causa da fé e da justiça estão no centro da comunhão católica. Cada comunidade tem sua tradição que a caracteriza a partir da cultura, da história, da língua, mas volta-se com agrado e acolhe na comunhão a outra comunidade que vive outra cultura, porque teve outra história e fala língua diferente.

Catolicidade não é globalização e, por isso, mesmo no mundo tornado "aldeia global" não vê o diferente nem como concorrente a ser destruído, nem como folclore a ser usado para o lazer. Por isso, também num mundo globalizado continua a ser imperativa a inculturação. Faz-se até muito mais necessária como afirmação da identidade particular e para a conservação da pluralidade do humano e do cristão.

O cristianismo é plurifacético. Não por moda, nem por necessidade de sobrevivência, mas por sua identidade encarnatória. Se deixasse de ser plural, negaria sua essência que consiste em ser a religião do Verbo Encarnado. E, no entanto, a Igreja viveu durante sua história muitos processos de uniformização. O cristianismo implantado a partir do século XVI na Abia-Yala, - o continente novo para os europeus, que veio a ser conhecido por América -, assumiu o rosto ibérico, espanhol, português. A romanização a partir do século passado tratou de "aperfeiçoar" esse rosto, para que se assemelhasse mais ao ideal do catolicismo da restauração, venerando ultramontanamente o Papa, assumindo as novas devoções do Velho Mundo, entrando no esquema de uma Igreja clerical e clericalizante.

A bela tentativa pós-Vaticano II de criar um cristianismo nosso, que refletisse em seu rosto as rugas da exploração econômica, da dependência social, da injúria de "pobres cada vez mais pobres à custa de ricos cada vez mais ricos", foi vista com desconfiança, perseguida, levada aos tribunais. A intenção de criar comunidades cristãs de rosto indígena, negro ou caboclo, com suas liturgias, teologias, práticas próprias, mal surgiu, já começa a ser olhada com desconfiança, senão podada em seus primeiros brotos. Tudo isso é acompanhado de um discurso social e da fala sobre a necessária inculturação. Que haja preocupação social, desde que não subverta a ordem vigente; que se cultive a inculturação, desde que dentro de limites consentidos.

Catolicidade não é isso. Mas respeito à idiossincrasia de cada Igreja local e acolhida aberta ao diferente. Os Padres da Igreja usaram o conceito "chresis", palavra grega que significa "uso", o "reto uso", para caracterizar seu método no diálogo com a cultura pagã contemporânea. "Chresis" é ele próprio um conceito tomado da cultura antiga, empregado na discussão filosófica, especialmente na ética, e na ciência médica. Provém da experiência cotidiana de que todas as coisas podem ser usadas quer para o bem, quer para o mal e, portanto, é preciso discernir e selecionar o que contém verdade, o que é ético, o que ajuda a saúde. 1 Tm 4,4 batiza o conceito pagão: "Tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças". O uso em atitude de louvor a Deus supõe discernir, julgar, ponderar e assim

leva à seleção. Pois "quanto ao mais, cultivai tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou de qualquer modo mereça louvor" (Fl 4,8).

Os Padres esclareceram a "chresis", o "reto uso" de tudo, com a metáfora da abelha^(*). Como a abelha colhe o néctar em todas as espécies de flores, sejam amargas, ácidas ou doces, também o cristão pode (e deve) lançar mão de todas as flores do amplo jardim da cultura humana. Posto que a colheita se estenda a todas as flores, é, no entanto, seletiva. A abelha só recolhe o que serve para fazer o mel. Mas não o deposita tal qual no favo. Trabalha o néctar para transformá-lo em mel. É criadora. Os Padres poderiam ter acrescentado ainda um outro aspecto: o mel é sempre mel, embora suas características difiram, conforme a flor que tiver preponderado. Um é o sabor, a cor, a consistência do mel de laranjeira, outro o do mel de assa-peixe, outro o do mel de carqueja, outro o de eucalipto. No entanto, todos são mel.

Inculturação é o novo nome da "chresis". Põe-se novamente na ordem do dia, quando chega ao esgotamento a inculturação ocidental do cristianismo, iniciada pelos Padres da Igreja. O panorama é, por um lado, a civilização globalizada, emergente da terceira revolução industrial; por outro, a pluralidade de culturas autóctones existentes no mundo. Estas sendo ameaçadas e sufocadas por aquela; aquela sendo recuperada e reinterpretada a partir destas. O desafio é muito mais complexo que no mundo mediterrâneo dos Padres da Igreja. A abelha tem muito mais flores a trabalhar. A diversidade do mel será tanto mais rica.

O panorama se torna ainda mais complexo, se se considera que o próprio conceito de inculturação inclui níveis diferentes. A fé é, primeiramente, experiência: a experiência do Deus revelado em Jesus Cristo a que temos acesso no Espírito Santo. A catequese, o querigma, a liturgia, a práxis, a ética, a vida moral são veículos dessa experiência. Mas ela precisa ser refletida, pois a fé é "obséquio racional". A fé é pensada. E essa fé experienciada e pensada a vivemos em Igreja, numa organização visível que vai tomando rosto no confronto com outras organizações humanas e olhando-se nelas como em um espelho.

A inculturação abrange os três níveis: da mediação de experiência, da reflexão sistemática, da organização concreta. Os Padres da Igreja souberam realizá-la. Numa alegoria bíblica, Gregório Nazianzeno expressou seu iti-

(*) Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Strom.* I, VI, 33, 6: *Sources Chrétiennes* (=SChr) 30, 70; JOÃO CRISÓSTOMO, *Ad Antioch. hom.* 12, 2: PG 49, 130; ANFILOQUIO DE ICÔNIO, *Iambi ad Seleucum: Jahrbuch für Antike und Christentum* (=JbAC) 16 (1973) 76-97, aqui: 78; GREGÓRIO NAZIANZENO, *Or.* 43, 13: SChr 384, 142-143; ISIDORO DE PELUSA, *Epist.* 2, 3: PG 78, 457C; JERÔNIMO, *In Epist. ad Titum*, cap. I: PL 26, 607B; TEODORETO DE CIRO, *Curatio affectionum Graecorum* I, 126: SChr 57/I, 136.

nerário: "Formei minha linguagem nos escritos pagãos e enobreci-a pelas Escrituras divinas: tornei potável pelo madeiro da vida a água salobra e não-potável de Mara" (Oratio 36, 4, SChr 318, 248-249). Ex 15,25 narra que Moisés atirou nas águas amargas de Mara um pedaço de madeira e a água se tornou potável. Permaneceu o que era: água; mas se fez outra. É o que os Padres reconheciam ter acontecido com sua cultura de origem, a cultura grega antiga. Lançando a cruz no reservatório dessa cultura, esta se renovou e tornou-se instrumento de vida para transmitir a verdade de Cristo.

De fato, a experiência é sempre expressa em linguagem. Não existe experiência "pura". Também a experiência de fé não existe sem enunciados. Em novas culturas a fé tem que encontrar expressões novas. Se não mudasse a linguagem, a própria experiência deixaria de ser acessível. Entretanto, como lembra acertadamente Tomás, a realidade divina e não sua expressão em linguagem é a meta do ato de fé (*Summa Theologiae* II-II q. 1 a. 2 ad 2: "Actus credentis non terminatur ad enuntiabile, sed ad rem"). A experiência vem expressa em palavras, mas a relação entre ela e as palavras não é a do caroço e a polpa do abacate, facilmente separáveis. Tampouco a do caroço e da polpa da manga, tão intimamente unidos que só o muito chupar "libera" o caroço. A unidade é tão íntima que só na dialética entre a velha e a nova expressão é possível reconhecer a identidade una da experiência de fundo.

Em outras palavras: a linguagem é absolutamente necessária para expressar a experiência de fé, mas é, ao mesmo tempo, relativa. Entretanto, jamais a experiência poderá ser atingida sem a linguagem. A fé, que se incultura, foi recebida de uma inculturação anterior da fé e será transmitida numa nova forma inculturada. Renunciar a isso é desistir de mediar a experiência no Espírito do Deus de Jesus Cristo.

O trabalho da abelha é coletivo. Não é esta ou aquela abelha sozinha que faz o mel, mas a colmeia, numa diversidade de funções que os Padres da Igreja não conheceram e por isso não puderam usá-las em suas comparações. A ciência moderna nos possibilita completar a metáfora patrística. Há as abelhas que buscam novas fontes de alimentação, há as que colhem o néctar, há as que mantêm limpa a colmeia, sem falar do zangão e da rainha. Cada qual com sua função. Umas colaboram com as outras. E a colmeia vive dessa mútua colaboração. As que descobrem novas fontes comunicam às demais com sua dança a direção e a quantidade de matéria prima disponível na fonte, para que todas aquelas a que cabe coletar, possam tirar proveito da descoberta das outras. Essas voam em busca do néctar e trazem a matéria prima para encher os favos. As faxineiras tiram para fora o pólen que sujara sua moradia. A rainha, porém, nada faz aparentemente, mas dá unidade ao todo, sem intrometer-se nas funções das outras.

Assim na inculturação. Não é obra da autoridade, mas da coletividade eclesial. Cada um contribuindo com seu trabalho e comunicando aos demais

onde há material que possa ser recolhido. Aos bispos, ao papa, compete ser o ponto de referência que cria unidade, garante coesão, confirma os avanços, mas não se imiscui no labor diário da seleção, discernimento, criação.

O pressuposto teológico desse trabalho de abelha é reconhecer que Deus já está presente nas diversas culturas, como o néctar se oferece na flor, antes de a abelha chegar. O Evangelho vem para dinamizar valores já existentes. Não se realiza inculturação quando o Evangelho se apresenta deturpado como expressão do regime da Lei, não do regime da graça e da liberdade. Se o cristianismo aparece como Lei a ser imposta, não há inculturação possível, nem sequer evangelização.

O processo de inculturação supõe reflexão constante sobre o que está acontecendo, pois os fiéis sempre adaptarão o Evangelho às novas mentalidades. Até pela simples razão de ser verdadeiro o axioma escolástico: "Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur" (Tudo o que se recebe, recebe-se segundo o modo de quem recebe). O desafio é inculturar, percebendo a densidade teológica do que acontece. Quando da última visita do Papa ao Brasil, foi possível reconhecer um esforço de inculturar as celebrações ao gosto "carismático" no mundo da comunicação de massa, com recurso a profissionais do ramo. No entanto, cabe perguntar se é a inculturação adequada. Urge uma reflexão mais aprofundada sobre sua validade, pois, pensada ou não pensada, a inculturação acontece.

Refletir sobre o processo de inculturação requer que tenhamos critérios claros. A inculturação em questão expressa o rosto de Jesus numa comunidade viva? O Evangelho é o critério para julgar da inculturação. Evidentemente o Evangelho já vem a nós na forma como foi vivido e expresso numa determinada cultura. O trabalho da abelha não é criar o mel prescindindo das flores, mas tampouco contentar-se com o néctar colhido. A elaboração requer determinado uso do que foi recolhido. Também na inculturação não se pode prescindir do Evangelho como ponto de referência. Caso contrário, cada qual inventa "seu" Jesus e se fanatiza por essa figura imaginária. Nossa fé se baseia num fato histórico, num fato único: a vida de Jesus, irrepetível e obrigatória como referência para chegarmos à auto-identificação como cristãos.

Inculturação leva consigo pluralidade. É a Igreja a falar todas as línguas. Como dizia autor africano anônimo do séc. VI num sermão de Pentecostes: "Se alguém pergunta a um dos nossos: 'Recebeste o Espírito Santo, por que não falas em todas as línguas?', ele deve responder: 'Eu falo em todas as línguas! Pois pertenço ao Corpo de Cristo, a Igreja que fala todas as línguas'" (entre as obras de Fulgêncio de Ruspe como Sermo 8, 2: PL 65, 743). Por isso mesmo, cada Igreja elaborava sua profissão de fé, o símbolo, que podia confrontar com os das outras Igrejas. Cada uma expressava a mesma fé em diversas linguagens. Hoje ainda, apesar da uniformidade que se tenta impor na Igreja Latina, as Igrejas Orientais aí estão a lembrar-nos que se

pode ser cristão e católico de outro modo, com outra teologia, com outra estrutura eclesial.

No tocante à estrutura eclesial, a história conhece múltiplas inculturações. Certamente o episcopado monárquico de Inácio de Antioquia, com seu cunho, por um lado, trinitário, por outro, patriarcal, não corresponde à concepção de monarquia posterior à época constantiniana e menos ainda à idéia e prática de monarquia absoluta do séc. XVIII. E, no entanto, todas essas formas influíram a seu tempo na prática ministerial. A Igreja que inculturou sua organização no império romano, no mundo feudal, no absolutismo dos déspotas esclarecidos, só não poderia inculturá-la no sistema democrático?

Não seria melhor inspirar-se no poeta patrístico, Anfilóquio de Icônio? "De tudo isso - ele se referia à sabedoria antiga; nós podemos relacioná-lo às conquistas modernas e à diversidade de culturas ancestrais - aproximate com inteligência, colhendo prudentemente o que possa ser útil, evitando criticamente o que for nocivo. Imita o trabalho da sábia abelha que pousa em todas as flores, mas muito esperta só recolhe de cada uma o que pode ser útil. A natureza mesma é sua mestra; tu, porém, usa a razão. Colhe abundantemente do que é útil, mas se algo produz dano, reconhece o que é mau e voa rapidamente para longe, pois o espírito humano tem asas velozes" (Anfilóquio de Icônio: *Iambi ad Seleucum*, em: JbAC 16 [1973] 78).